

PRINCESA DA BAIXADA NA ESCOLA: UMA EXTENSÃO DAS GEO-HISTÓRIAS DO LUGAR EM PINHEIRO-MA

Olívia Mara Furtado ¹
Francisco Freitas Correia ²
José Raimundo Campelo Franco ³

RESUMO

A pesquisa reflete sobre a necessidade de repensar os conteúdos repassados nas escolas, os quais precisam ter melhor aproximação com a realidade dos estudantes, já que são capazes de despertar o interesse pelas realidades locais e incentivar a formação cidadã mais participativa. Com base nessa discrepância, pretende-se relatar nossas experiências dentro do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), com discussões de práticas nas escolas com a experimentação de uma cartilha didática elaborada em sintonia de ensino, pesquisa e extensão, conteúdos estes que estamos chamando de “Geo-histórias do Lugar”, onde se abordam questões históricas, geográficas, econômicas, artísticas e culturais. A referida experiência está em curso, na escola pública municipal Pedro Lobato, localizada no município de Pinheiro, na Baixada Maranhense, onde as abordagens são feitas na etapa do Ensino Fundamental, nas salas de 6.º e do 7.º ano, onde tivemos acessos para aplicar assuntos contextualizados da cartilha, concomitantes com os conteúdos de planejamento do livro didático adotado, ou seja, buscamos untar os conhecimentos universais propostos pela escola com amplitudes dos conteúdos novos relacionados à realidade local da proposta didática do subprojeto.

Palavras-chave: Geo-histórias, Cartilha didática, Escola pública, Estudos regionais, PIBID.

INTRODUÇÃO

A dificuldade de associar um conteúdo com o espaço local é algo que comumente acontece no ambiente escolar pela ausência desses alcances no livro didático. E o que se percebe, é que os conteúdos, imagens e linguagem nesses livros não conseguem chegar ao aluno pelo fato comum da criança não conseguir assimilar certos contextos ao que está dado no livro do Plano Nacional do Livro Didático. Callai (2001, p. 138) ressalta que, “[...] nesta perspectiva, a educação e o ensino que se faz devem ser referenciados ao contexto em que se vive e jamais podem ser considerados isoladamente”.

Toda essa abordagem nos inspira a pensar que, para uma formação crítica dos alunos, precisamos refletir algumas estratégias de ensino que possibilitem a construção do conhecimento que intencione articular, não só os conhecimentos teóricos aos práticos, mas

¹ Graduanda do Curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, furtado.olivia@discente.ufma.br;

² Graduando do Curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, francisco.correia@discente.ufma.br;

³ Professor Doutor em Educação - Universidade Federal do Maranhão - UFMA, josefranco@ufma.br.

também, que ligue esses conhecimentos às suas vivências e realidades através da Geo-história do lugar.

Nesse contexto, esse trabalho foi construído a partir de práticas e rotinas realizadas na escola municipal Pedro Lobato, com os alunos do 6º e 7º ano, no contexto do Programa Institucional de Bolsas à Iniciação à docência (PIBID) com o subprojeto: *Geo-histórias do lugar para uma heterociência dos Estudos Regionais*, que experimenta materiais produzidos sobre a Geo-histórias do lugar, visando sistematizar as experiências e situações vivenciadas, levando esses materiais à apreciação das crianças como recurso didático, para que estes reflitam e assimilem sobre suas realidades, ao mesmo tempo em que buscamos entendimentos sobre as suas necessidades para novas aquisições e melhorias aos materiais didáticos.

Diante disso, este trabalho apresenta e discute as nossas vivências no ambiente escolar, mostrando os alcances das nossas práticas de iniciação à docência assim como os resultados parciais do subprojeto, e para isso, nos ateremos ao material didático que usamos na escola, as nossas reflexões em salas de aula com a aplicação desse recurso, as percepções da prática na abordagem do assunto não contextualizado (livro didático adotado pela escola) e no assunto contextualizado (nossa cartilha produzida), por último, algumas prévias obtidas das nossas experiências e aprendizados.

A produção textual também é uma ampliação de estudos iniciados em versão de primeira escrita, por meio de um pequeno texto já produzido, intitulado: *Princesa da Baixada: novas buscas para contextos de geo-histórias do lugar*, submetido ao Congresso de Movimentos Docentes deste ano.

METODOLOGIA

O presente trabalho se faz uma pesquisa qualitativa, onde buscamos perceber junto aos alunos, as percepções e diferentes contextos na abordagem de contextualizações didáticas com a cartilha local, sendo possível mostrar, como o acesso ao ensino na perspectiva da Geo-história do lugar faz o aluno se motivar à participação das abordagens e demonstrar mais aspirações para aprender. Sob esses parâmetros, que nós, alunos bolsistas do PIBID, utilizamos uma cartilha sobre o lugar com informações diversificadas sobre o município, a incluir, tópicos de localização, cultura, economia, aspectos históricos e geográficos, demografia e outros pontos.

Ora, Dermeval Saviani em sua Pedagogia Histórico-Crítica disseminou excelentes considerações de que o professor deve ser cuidadoso com seus conteúdos, no sentido de

propor a prática social do aluno como pano de fundo de sua didática. Os fundamentos marxistas desse pensamento, se baseiam na dialética e no materialismo histórico, “que é justamente a concepção que procura compreender e explicar o todo desse processo, abrangendo desde a forma como são produzidas as relações sociais e suas condições de existência até a inserção da educação nesse processo (SAVIANI, 2008, p. 120).

Pesquisas anteriores mostraram a ausência de materiais didáticos sobre os Estudos Regionais que evidenciassem os lugares em suas particularidades, e a partir dessa necessidade, muitas iniciativas de discussão e mais recente, de elaboração de recursos, foram pensadas no bojo de estarem apropriadas e adaptados para a escola de forma didática. É com esse intuito que criamos cartilhas e mapas para serem experimentadas nas escolas.

Em nossa experiência de campo escolhemos utilizar a cartilha “Princesa da Baixada: Conhecendo Pinheiro- MA”⁴. A finalidade principal desse protótipo é adaptar algumas matrizes de conteúdos à realidade local, a fim de que criemos oportunidades experimentais à realidade regional do município, por dimensões de espaço que estejam próximas da vivência dos educandos.

A cartilha utilizada é um material elaborado em dois semestres do calendário acadêmico, tendo ocorrido entre outubro de 2021 a julho de 2022. Essa produção se deu através das PECC’s (Prática do Ensino como Componente Curricular), nas disciplinas da grade curricular do curso, que no caso particular da área da Geografia, a abordagem específica se encaminha em metodologia própria, para uma sequência didática denominada de APGeo’s (Atividade Prática Geográfica e Interdisciplinar) do curso de Licenciatura em Ciências Humanas (UFMA- Pinheiro), e que, finalmente, ganhou novas interatividades com o projeto: *Atlas do Município: heterocartografias e praxidas didáticas para as geografias outras do lugar na Baixada Maranhense* (financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA).

Essa produção teve como fonte de matriz curricular, a *Enciclopédia dos Municípios - Microrregião Geográfica da Baixada Maranhense* (IMESC, 2013), base de dados que possibilitou o encontro com conteúdos relacionados ao espaço geográfico do município de Pinheiro - MA. Como complementações de conteúdos, utilizamos outras fontes e sites, além da Geoteca PIBID, um espaço virtual próprio do nosso subprojeto contendo vários modelos de trabalhos que fornecem amplos direcionamentos nessa elaboração e forma de pensar os assuntos.

⁴ FURTADO, Olívia Mara. **Princesa da Baixada: Conhecendo Pinheiro – Maranhão.** (No prelo). 2023. (segunda versão da cartilha didática utilizada no Subprojeto PIBID).

A cartilha é bem diversificada, sendo composta por temas específicos e circunscritos sobre o espaço municipal, dentre eles: localização, história de colonização, aspectos culturais, econômicos, geográficos e as suas transformações sociais. Compõe o recurso didático, um caderno de atividades para aprimorar o conhecimento, com o intuito dos usuários exercitarem as composições sugeridas do campo histórico-geográfico local, assim como relacionar suas experiências já adquiridas com outras porções do espaço que precisa se ater (FURTADO e FRANCO, 2022, p. 877).

Também foram utilizadas técnicas simples de cartografia digital, concepções teóricas que envolvem geografias e histórias em seus ensinamentos, visando fazer o aluno refletir sobre o seu lugar, com uma linguagem direcionada ao seu público-alvo nivelado na faixa etária, buscando levar o aluno a construir ou reconhecer elementos do conhecimento do seu espaço vivido. Cada capítulo da cartilha foi elaborado com planejamento de temas centrais para dar ao aluno, oportunidades de conhecer e entender o seu espaço histórico-geográfico.

Releva-se também, os constantes aprimoramentos com mapas, imagens e elementos inspirados de diálogos de interações com os(as) alunos(as) por meio de observações e escutas de seus olhares e preferências, tudo isso mantido por fortes esperanças de que haja novos acontecimentos na prática didática com inovados pensamentos reflexivos para despertar competências relacionadas ao pensamento científico, crítico e significativo.

Nas nossas práticas com a escola, nos foi oportuno ver e participar de perto a regência (monitorada pela professora-supervisora bolsista do PIBID) com o ensino fundamental de 6.º e 7.º anos, tendo previamente o acesso ao conteúdo didático dos alunos disponibilizado pela docente, onde foi possível readaptar planejamentos e adequar abordagens com os contextos locais que constam na cartilha produzida, já que: “É o local onde vivemos que nos oportuniza as bases concretas para encaminharmos a compreensão das relações sociais, do acesso ao espaço para viver e das condições para tanto” (CALLAI, 1996, p. 31). Saber relacionar essas experiências vividas do estudante ao conteúdo escolar, transforma o aprendizado, tornando-o mais compreensível e acessível ao aluno.

REFERENCIAL TEÓRICO

Essa pesquisa tem como principal disposição científica norteadora, a obra de Fernand Braudel sobre o estudo da Geo-história e outros autores que discutem concepções sobre a abordagem do lugar, assim como, o estudo contextualizado e o ensino do saber popular que serão descritas a seguir com o almejo de relacioná-las a nossa pesquisa.

Para o historiador francês Fernand Braudel, o ambiente geográfico tinha uma influência especial na organização das sociedades e suas atividades econômicas. Utilizamos bases de concepções da Geo-Histórias no sentido de utilizarmos métodos das duas ciências para fundamentar a produção didática que envolva as escritas ou reescritas da realidade municipal para submissão ao didático escolar, e por conseguinte, as ponderações alocadas de práticas em sala de aula através do ensino e da aprendizagem.

Foi ainda possível utilizar concepções que ensejam o ensino local (CALLAI, 2001; 1996), e ainda, considerações sobre os conteúdos universais e particulares na lógica de focar a prática social dos educandos (SAVIANI, 2011; 2008).

A contextualização do ensino impulsiona o aprendizado do aluno, integrando sua experiência vivida, relacionando ao conteúdo didático, como explica Fazenda Apud Albuquerque (1994, p. 31), “[...] o estudo contextualizado determina uma forma de aprendizagem dinamizada e integrada com a realidade de cada aluno”.

Para Dermeval Saviani o saber popular é tão importante quanto o conhecimento erudito, já que:

[...] parece importante entender é o seguinte: essa dicotomia entre saber erudito como saber da dominação e saber popular como saber autêntico próprio da libertação é uma dicotomia falsa. Nem o saber erudito é puramente burguês, dominante, nem a cultura popular é puramente popular. A cultura popular incorpora elementos da ideologia e da cultura dominantes que, ao se converterem em senso comum, penetram nas massas. (SAVIANI, 2011, p. 69).

O que o Saviani afirma, diz respeito com o que conseguimos visualizar na nossa prática docente, onde percebemos que o conhecimento popular do aluno tem uma ligação direta com o saber científico, só que traduzido na forma peculiar onde o sujeito aluno está situado, tornando perceptível aos nossos olhares, que, quando a criança consegue visualizar o que se fala, é mais fácil que ela aprenda, podendo conseguir assimilar o conteúdo, além de diferenciar sua realidade de outra, como Callai (2001, p. 141) também explica:

A relação do indivíduo com o seu meio, a compreensão do espaço construído no cotidiano, os microespaços que são os territórios do indivíduo, da família, da escola, dos amigos, devem ser incorporados aos conteúdos formais que as listas de Geografia contêm. Estes aspectos poderão permitir que se faça a ligação da vida real concreta com as demais informações e análises.

Dessa forma, esse saber popular pode ser reproduzido em versões conjugadas com os saberes já produzidos pela humanidade ao longo do ambiente escolar, ou em suas próprias brincadeiras e vivências do dia-a-dia, mas que se transformam e se alicerçam na cultura local, como ressalta Franco (2022), ao se referir sobre crianças que produziam culturas próprias

através de suas geografias, concebendo paisagens e territorialidades por suas cotidianas vivências no seu espaço local, cujos produtores e espaços assim foram descritos: “exprime crianças empoderadas de suas próprias infâncias no pleno exercício de suas autorias através de brincadeiras tradicionais, reafirmando seus papéis de construtores e participantes fieis da sociedade e sua rica ciranda cultural” (FRANCO, 2022, p. 516).

No que se refere ao ensino nas escolas, a LDB 9.394/96, no artigo 28º, reflete: “os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente” (BRASIL, 1996). Nesse sentido, entende-se a responsabilidade que os sistemas educacionais têm pela autonomia e legitimidade de trabalhar a adaptação que se fizer necessária ao programa didático, a fim de que se dinamize a construção do conhecimento dos alunos.

A partir do conhecimento prático, das vivências ao longo da vida do aluno, lhe é permitido um leque de possibilidades que viabilizam as percepções com o mundo. É através desse olhar diversificado que começam as primeiras impressões da realidade e que vão se fortalecer os atos de conhecer o desconhecido.

[...] o estudo do lugar compreende uma importante contribuição para a construção de conhecimentos, considerando que a abordagem das experiências de vida dos alunos no processo ensino-aprendizagem favorece significativamente a produção e desenvolvimento de saberes úteis do ponto de vista da significação social dos conteúdos e da participação da escola na formação/educação do alunado (SANTOS, 2010, p. 2).

O trabalho contextualizado e problematizado a partir de entendimentos regionais, gera boa harmonia no processo de ensino e aprendizagem, já que se embasa no que muito se debate na pluralidade do ensino e estudos direcionados, se fazendo cada vez mais indispensável o repasse das metodologias sobre estes saberes para que o processo de construção do conhecimento dos educandos seja articulado a partir daquilo que faz parte de seus cotidianos e vivências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossos resultados com o PIBID, seguem dois pontos: das nossas observações com a prática docente, e da relação do aluno com nosso subprojeto dentro desse olhar de contextualizações. Ressalta-se que os assuntos não contextualizados, nas concepções teóricas destacados como conhecimentos mais generalizados, nos reportamos ao livro didático

adotado pela escola, enquanto os contextualizados, referenciados pela literatura como saberes populares ou particulares, onde se circunscrevem, nossa cartilha produzida.

No primeiro ponto, as observações com a prática docente, podemos ver como resultado, o aprendizado diferenciado do que pensamos na universidade. No ambiente escolar aprendemos que cada aluno tem sua individualidade e que cada turma tem suas particularidades resultantes das relações individuais. Queremos também citar como parte dos resultados, a inclusão de crianças autistas, já que em toda dinâmica de trabalho que levávamos para a sala de aula, obtivemos boas interações de inclusões com o grupo participante, e portanto, boas somatórias desta nova experiência, a qual pensávamos, ser mais complexa.

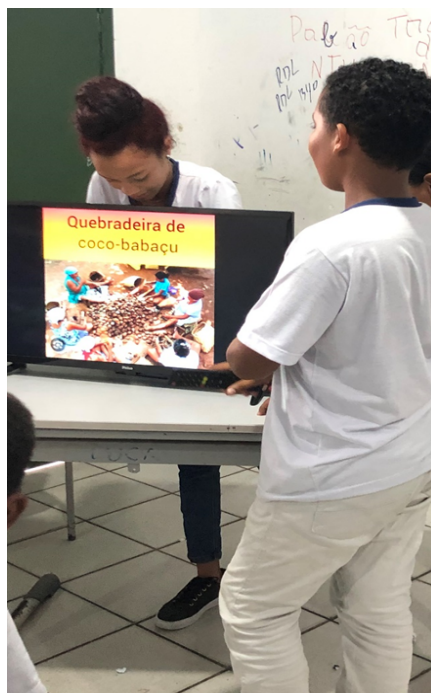
Mantoan (1997, p. 235) afirma que o desafio da inclusão provoca inquietações, e consequentemente, induz a melhoria dos processos educacionais para o alcance dos devidos direitos à educação em sua plenitude, tornando imprescindível que as escolas aprimorem suas práticas, com o intuito de atender às diferenças. Com estas demandas, adaptamos nossas pretensões também a esses alunos, visto que fazem parte dos nossos desafios, pensar metodologias de inclusão e fazer as devidas leituras da diversidade humana que encontraremos no ambiente escolar.

Enfatizamos, também, como resultado sobre a prática docente, o planejamento para dinamização do conteúdo da aula prevista nos planos. Destacou-se uma sala do 6.º ano, onde afirmaram nunca terem feito um seminário. Com a liberdade respaldada aos nossos integrantes pibidianos e a constante colaboração e apoio da docente dos alunos, organizamos seminários sequentes e dentro de poucos meses, vimos avanços nas oralidades e dialogias discentes, assim como nas posturas frente a boas práticas de metodologias ativas.

Contudo, angariamos um duplo alcance com os alunos, já que o foco dos seminários teve uma versão contextualizada (como prevê o projeto já supracitado) em uma aula sobre povos originários, onde os alunos, além terem demonstrado aquisições de conceitos, também apresentaram seminários sobre algumas comunidades tradicionais da região, onde foram apresentados entes que representam o lugar na ordem de quilombolas, ribeirinhos e quebradeiras de coco babaçu, conforme destacamos uma apresentação discente com uso de um aparelho notebook (Figura 1).

Nossos resultados qualitativos foram bastante satisfatórios, já que nos momentos de compartilhar a cartilha, percebemos o quanto os temas bem familiarizados aos agrupamentos locais trazem bons resultados no aprendizado dos alunos. Para confirmar isso, verificamos as diferenças nos debates com os alunos da escola Pedro Lobato, quando usávamos a cartilha local para contextualizar as temáticas e quando não fazíamos usos desses recursos.

Figura 1: Discente apresentando seminários com temáticas de comunidades tradicionais locais.



Fonte: Dados da pesquisa, (2023).

Quando as Geo-histórias locais eram trabalhadas, havia maior participação dos alunos na aula e os diálogos eram mais fluidos. Cabe citar uma experiência que nos surpreendeu, no tocante às abordagens sobre bacias hidrográficas em diferentes locais do Brasil, nos trazendo a percepção de um conteúdo pouco atrativo aos alunos, onde não tivemos interação entre a classe, enquanto as dificuldades de entender os conteúdos e de interação com os conceitos eram maiores, portanto, isso é visto como prejuízo escolar e na construção do conhecimento dos educandos. Os estudos de Lev Semionovitch Vigotski nos ajudam entender que:

[...] as pretensas verdades “absolutas” e “universais”, [...] deveriam orientar os desígnios da vida social. Não há quaisquer verdades, tidas como “absolutas” ou não, que não sejam estabelecidas pelos próprios seres humanos reais, no curso de suas atividades vitais, com base em necessidades sociais também reais (DELARI JUNIOR, 2013, p. 73).

Na contrapartida, quando propusemos entender a bacia hidrográfica a partir do rio Pericumã (recurso hídrico que possui uma influência perante a cidade, pela grande formação de campos inundáveis), era notável a interação dos alunos com a aula, isso se dava porque os mesmos sempre tinham considerações a fazer, dado o fato do recurso hídrico ser algo que está próximo de suas realidades, enquanto as interferências discentes com curtas narrativas se diversificam bastante, onde se incluíram, visitas em atividades de lazer, práticas de pescarias, percepções de degradações em suas diversificações, sempre desencadeando debates horizontais produtivos na construção do saber localizado.

Ficou ampla a nossa visão de que a escola deve contribuir para uma prática que ligue o conhecimento empírico com o científico, tornando o aprendizado mais dinamizado para o aluno. Percebemos na perspectiva geo-histórica utilizada por Braudel, que ao falar sobre o espaço de vivência do aluno ao longo da história, é como se abrisse muitas memórias, onde o alunado se propõem a falar e relacionar sua vida com a abordagem que estamos trazendo.

No tocante a outros aspectos, falar sobre as transformações do município de Pinheiro, perceber “seu lugar” que sempre conheceram de um jeito, e ver que um dia foi de outra forma, sem dúvidas, foi o que mais despertou curiosidade e interesse, mexeu com o imaginário dos alunos (Figuras 2, 3 e 4).

Figuras 2, 3 e 4: Amostragem da cartilha sobre as transformações de Pinheiro nas turmas do 6º e 7º anos.



Fonte: Registros da pesquisa, (2023).

Durante meses trabalhando com pequenas aulas-experimentos da cartilha de Geo-histórias do lugar (figuras de 5 a 10), ficou notório nas falas dos alunos, uma nova visão sobre a realidade do município ao qual eles fazem parte, onde se obtiveram os seguintes aspectos observados: valorização das comunidades regionais locais e vizinhas, percepções de pensamentos críticos voltados para problemas sociais, novos apontamentos e inclinações sobre o conteúdo didático que nos mostravam caminhos e procedimentos alternativos para nossas ações. Contudo, entendemos como bons resultados colhidos e preciosos avanços durante estas marcantes experiências sobre a particularização dos conteúdos, já que:

Formar o cidadão significa dar condições ao aluno de reconhecer-se como um sujeito que tem uma história, que tem um conhecimento prévio do mundo e que é capaz de construir o seu conhecimento. Significa compreender a sociedade em que vive, a sua história e o espaço por ela produzido como resultados da vida dos

homens. Isto tem que ser feito de modo que o aluno se sinta parte integrante daquilo que ele está estudando. Que o que ele está estudando é a sua realidade concreta, vivida cotidianamente, e não coisas distintas e abstratas (CALLAI, 1996, p. 32).

Figuras de 5 a 11: Algumas ações diversificadas em sala de aula que dinamizaram o trabalho: rodas de conversas, monitorias, observações individuais e grupais, explicações, etc.



Fonte: Registros da pesquisa, (2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos constatar que estas etapas iniciais para a futura inserção da cartilha nas escolas, despertou o interesse dos alunos e nos segmentos escolares participantes do processo, cabendo ressaltar que essa proposta didática, abriu espaço para novas definições e encaminhamentos de assuntos ligados ao município de Pinheiro que ainda não estavam inseridos na proposta da cartilha pré-elaborada.

Com isso percebemos o quanto são vastas as diversidades de conteúdos sobre as Geo-histórias do município que podem ser objetos de planejamento e elaboração em futuros

materiais didáticos diferenciados, como o fizemos em pesquisas rápidas utilizando slides em programa do PowerPoint.

Estes e outros ensejos articuladas às experiências bem sucedidas, estão sendo repensadas em nova versão da cartilha, conforme as sinalizações dadas pelos alunos, deixando o bom aprendizado e o apontamento que o docente poderá adaptar muitas possibilidades do lugar advindas dos alunos ao seu aporte metodológico, que vão além do livro didático tradicional e mesmo da cartilha local experimentada.

As Geo-histórias do lugar, portanto, possuem todos os bons indicadores para serem implantadas nas escolas, já que o inovado recurso curricular levou os discentes a perceberem as relações que existem dentro do seu espaço local particularizado com o conhecimento científico que é geral e universalizado.

AGRADECIMENTOS

À Capes/Governo Federal por proporcionar a política de bolsas para o Programa de Iniciação à Docência que se faz tão necessário para nossa universidade.

À FAPEMA, por financiar a pesquisa à qual o subprojeto pibidiano está vinculado.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Anaquel Gonçalves. A importância da contextualização na prática pedagógica. **Research, society and development**, v. 8, n. 11, p. 01-13. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 5. ed. – Brasília: 2010.

BRAUDEL. Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CALLAI, Helena Copetti. A geografia e a escola: muda a Geografia? muda o ensino. **Terra Livre**. São Paulo. n.16. 1º semestre/2001, p. 133-152. 2001.

CALLAI, Helena Copetti. **Geografia**: um certo espaço, uma certa aprendizagem. 1996. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000744409>. Acesso em: 14 out. 2023.

DELARI JUNIOR, Achilles. **Vigotski**: consciência, linguagem e subjetividade. Campinas-SP: Editora Alínea, 2013.

FRANCO, José Raimundo Campelo. Brincadeiras, ambientes e as estações das frutas na Baixada Maranhense - Brasil. **Instrumento**: Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p. 504-517, maio/ago. 2022.
Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/37184/24719>. Acesso em: 06/10/2023.

FURTADO, Olívia Mara; FRANCO, José Raimundo Campelo. Uma proposta de cartilha de geo-histórias do lugar: conhecendo Pinheiro-MA, Brasil. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL MOVIMENTOS DOCENTES, 2, e COLÓQUIO FORPIBID RP. [Anais eletrônicos]. Diadema SP: V&V Editora, volume 6. 2022. p. 876-881. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/36822/1/Vivencias_Academicas_de_Estudantes_Unive.pdf. Acesso em: 06/10/2023.

LIMA, Átila de Menezes. Zenilde Baima Amora. Debates acerca da Geografia Histórica e da Geo-História: elementos para a análise espaço-temporal. **Espaço Aberto**: PPGG - UFRJ, V. 2, N.2, 2012. p. 51-72. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36403/espacoaberto.2012.2089>. Acesso em: 12/09/2023.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **A integração de pessoas com deficiência**: contribuição para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Ed. SENAC, 1997.

SILVA, Francisco Marcos da et al. A importância da estrutura e funcionamento da educação básica. *In*: SEMANA DE ESTUDOS, TEORIAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS, 5. 2014. [Anais eletrônicos]. Pau de Ferros-RN: Realize Editora. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/8075>. Acesso em: 06/10/2023.

SANTOS, Laudenise P. *et al.* Estudo do lugar: contribuições para a construção de conhecimentos no ensino médio. *In*: CONGRESSO NORTE – NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO, 5, [Anais eletrônicos] Maceió-AL: IFAL. 2010. p. 1-8. Disponível em: <http://congressos.ifal.edu.br/index.php/connepi/CONNEPI2010/paper/viewFile/1582/815>. Acesso em: 01/10/2023.

SAVIANI, Dermeval. Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes. *In*: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (Orgs). **Marxismo e educação** - debates contemporâneos. Campinas-SP: Autores Associados-Histedbr. 2008. p. 223-274.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2011 (Coleção Educação Contemporânea).